

## 5 Considerações finais

No mundo em que vivemos hoje, um mundo atravessado por conhecimentos, faz-se necessário que o professor se veja num constante processo de formação. A necessidade de estar sempre bem informado, atualizado o faz crescer como pessoa, profissional e cidadão e o torna apto a ajudar seus alunos no processo de construção de seus conhecimentos. Um professor que se vê atualizado é um professor mais capaz de tornar seus alunos cada vez mais interessados no processo de construção de seus próprios significados.

Assim sendo, os professores são vistos como mediadores e estimuladores do processo de conhecimento de seus alunos. Para tal, precisam estar qualificados e capacitados para propor aulas mais dinâmicas no sentido de que busquem a participação ativa de seus aprendizes, que explorem conhecimentos que seus alunos já possuem que permitam construir capacidades criativas para resolver problemas bem como a construção de atitudes gente a problemas surgidas em sala de aula e na sua vida fora da escola.

Para que tudo isso aconteça, os cursos de formação de professores precisam ser remodelados buscando uma formação voltada para a reflexão e entendimento da prática, ou seja, uma vez que os professores aprendizes passam a refletir sobre as várias formas de ensinar e os reflexos dessas várias formas na ação docente, a reflexão passa a ser um instrumento que visa o desenvolvimento de pensamento e ação.

“Nosso estudante, ao partilhar do ambiente envolvente da escola, conviverá com este constante movimento de realização das ações pedagógicas. Dizendo melhor, ele se defrontará com a autenticidade do acontecer dos atos docentes na sua temporalidade e espacialidade próprias, que se materializarão numa realização” (Martins, 2004: 63).

A formação inicial do professor de língua inglesa precisa se voltar para um planejamento que dê conta de inserir ou tratar de questões como: os avanços científicos e tecnológicos vultosos, a crença no poder da educação como

transformadora do mundo, as leis de consumo e os modos alternativos de vida, a valorização do prazer e dos sentimentos, a autonomia do pensamento, o diálogo, o respeito e a aceitação da pluralidade cultural, que, com certeza, permeiam, circundam e ‘invadem’ a vida na sala de aula, transformando o modo como entendemos a aprendizagem, o ensino e a construção de conhecimentos. Segundo Miller et al:

A escola é (ou deveria ser) um reflexo desta vida, o lugar onde se aceita, incentiva e trabalha para entender a complexidade dos questionamentos e das perguntas, a incompletude e a incerteza de suas respostas. Para os praticantes da Prática Exploratória, a escola não deveria ser o lugar das respostas, e sim o lugar da vida, pois é nela que professores e alunos passam um significativo número de horas...vivendo. Abrir espaço para que professores e alunos, parceiros discutam questões da vida, convivam e aprendam com os inevitáveis conflitos que surgem, co-construam entendimentos, negociações e conhecimentos é ir além do quadro de giz. (2008, 155-156)

Ao propor o trabalho de construção de planos de aula, entendia que o planejar não acabava num plano material, escrito, formal. Sempre entendi o planejamento como uma via de mão dupla, um processo colaborativo entre pares mais e menos experientes, ou seja: professor e alunos. A interação professor-aluno, mencionada por muitos de meus professores-aprendizes durante as APPE desenvolvidas, é de extrema importância para que o professor não continue planejando com vistas a atender as demandas de seu plano, mas as necessidades de seus alunos, no que acredita ser o mais importante a ser ensinado. Assim sendo, alinho-me com a proposta de Bolzán de entender o planejamento também influenciado pelo processo interativo:

Nesse sentido, o processo interativo deve estar presente desde o planejamento e a preparação das tarefas, sendo permanentemente avaliado, buscando-se compreendê-lo e acompanhá-lo. Logo, a interação social deve ser considerada como fator relevante na construção do conhecimento, uma vez que a cooperação surge como resultante do trabalho solidário entre os sujeitos envolvidos nesse processo ( Bolzán, 2002: 53-54).

Como planejar subentende a compreensão do próprio processo, julgo ser necessário entender que a participação dos alunos no ato de planejar é de suma importância para que se alcance uma educação mais crítica e reflexiva. Para tal, o professor precisa pensar o seu planejamento tendo como base os conhecimentos

que seus alunos possuem sobre um determinado tema que quer apresentar em sala de aula.

O que aconteceu quando planejava minhas aulas para a turma de Estágio Curricular Supervisionado foi exatamente isso. Durante os nossos encontros sempre fazia anotações sobre o que os professores-aprendizes falavam ou apontavam como importantes para o seu processo de formação inicial: suas dúvidas, seus medos, temas para discussão, ou seja, meu planejamento se baseava no que eles apontavam como necessário e no que eu, enquanto professora-formadora, acreditava, baseada em meu sistema de crenças e na minha longa experiência profissional.

No início, minha proposta de mostrar ao professor-aprendiz que ele é responsável por seu processo de formação e que ele precisa sinalizar ao professor o que necessita para que seus entendimentos sejam mais completos, gerou discussões profundas sobre quem planeja e quem é submetido a esse planejamento. Na época, recordo-me da crença que os professores-aprendizes tinham sobre a responsabilidade de planejar: acreditavam que eu era a única responsável por isso, devia fazê-lo sozinha e apresentar a eles um plano de curso pronto, acabado e fechado. Outra crença era que, ao incluí-los no processo de planejamento, de dar voz a eles para que opinassem na construção do plano de curso, estava transferindo para eles minha responsabilidade de planejar.

A partir da identificação dessas crenças percebi o quanto era importante trabalhar noções sobre o ato de planejar, partindo de planejamentos de coisas simples que fazemos em nosso dia-a-dia. Construimos nossas noções de planejamento conjuntamente. Quando percebi que meus professores-aprendizes estavam tendo dificuldades em planejar aulas, abri espaço em meus próprios planos de aula e de curso para discutirmos novos direcionamentos, novas metodologias para que pudessem entender melhor o que acontecia com o planejamento: as sessões de acompanhamento.

O planejar deles, naquele momento, ainda estava sendo influenciado por crenças tradicionais, construídas ao longo de seu processo de escolarização, no contato com muitos outros professores que passaram por suas vidas de aluno. Era nítido o choque entre suas crenças mais resistentes e o meu próprio sistema de crenças, o que na maioria das vezes, gerava certa tensão. Meus professores-aprendizes acreditavam que:

- a) o plano era garantia de uma aula perfeita;
- b) o professor ensina e o aluno aprende;
- c) tudo o que se planejava tinha de ser cumprido naquela aula correspondente;
- d) os alunos não precisavam participar das decisões metodológicas e escolhas de assuntos para as suas aulas;
- e) a aula era planejada num vácuo;
- f) a modernidade faz com que o plano de aula se torne uma ferramenta obsoleta;
- g) o plano de aula tem de estar sempre registrado num pedaço de papel.

Precisava ajudá-los a refletir sobre essas crenças e a remodelar seus sistemas de crenças sem influenciá-los por meu próprio sistema de crenças. Com isto em mente, planejei as sessões de acompanhamento que se caracterizaram numa decisão metodológica que propiciou entendimentos muito profundos sobre o planejar. Acredito, depois da análise de dados, que essas sessões ofereceram a oportunidade de, tanto eu com o os professores-aprendizes, acionarmos nossos sistemas de crenças, procurando entender até que ponto estes orientavam nosso modo de agir e pensar enquanto professores.

Volto a dizer que pensar e estruturar essas sessões foi muito difícil para mim, pois não havia realizado algo semelhante em momento anterior de minha prática pedagógica. Sentia-me insegura, ansiosa e receosa de estar sobrecarregando meus professores-aprendizes com mais uma atividade, além de escrever e re-escrever planos, assistir aulas em campo e desenvolver as tarefas normalmente exigidas na disciplina Estágio Curricular Supervisionado. Nesses encontros agendados, professores-aprendizes e eu, discutíamos e analisávamos seus planos de aula e tentávamos entender o porquê de certas decisões metodológicas. Sempre pedia para que meus professores-aprendizes explicassem suas escolhas e tentassem identificar em que estavam pautadas. Nunca dizia se suas escolhas estavam ‘certas’ ou ‘erradas’. Esperava que eles justificassem essas escolhas para que eles também entendessem como funcionava o planejado. Era uma maneira proporcionar a meus professores-aprendizes a oportunidade de observarem como suas próprias crenças se refletiam no que faziam, na maneira como planejavam.

Nesses encontros percebia o quanto das crenças de meus professores-aprendizes ainda eram resistentes e o quanto ainda tínhamos que trabalhar para conscientizá-los da existência delas, re-estruturá-las e atualizá-las. Era interessante perceber como os professores-aprendizes acionavam esses sistemas e como os seus planos de aula os denunciavam. O trabalho foi lento, difícil e “traumático” para muitos dos professores-aprendizes, principalmente para aqueles que não tinham interesse no magistério. Mas, pude perceber que todos, aos poucos, foram se envolvendo com o trabalho e produziram aulas muito interessantes e entendimentos profundos sobre o que é planejar. Percebo que suas crenças foram se remodelando e se re-estruturando a partir do trabalho para o entendimento que estávamos realizando.

Não posso generalizar e dizer que todas as crenças de todos os meus professores aprendizes se modificaram, mas acredito que, depois de terem experimentado, vivenciado e “sofrido” esse período reflexivo e exploratório, seu modo de ver e entender tanto o plano de aula como a dinâmica da sala de aula será bem diferente daqui para frente. Suas tomadas de decisão, suas escolhas estarão voltadas para um ensino mais crítico e reflexivo, vendo seus alunos como parceiros na construção de conhecimentos.

Depois de todo esse trabalho desenvolvido com o grupo, acredito que os professores-aprendizes passaram a entender melhor que o plano de aula não consegue prever tudo o que seus alunos vão perguntar ou questionar durante uma aula, por mais elaborado e meticuloso que esteja, porque é impossível prever a capacidade criativa e de aprendizagem do ser humano. Esperar que o plano funcione como elaborado é assumir “que a sala de aula não é uma situação social dinâmica e sim mecânica, estática, sob o *controle* total e exclusivo do professor, como se a sala de aula fosse uma simples máquina de uma fábrica” (Allwright, 2003: 15-16).

Por outro lado, mostrava sempre aos meus professores-aprendizes o quanto de meu plano de aula se modificava, dependendo das questões que surgiam em sala de aula. A todo instante sinalizava que as decisões que tomava, em determinados momentos, servia para adaptar meu plano, tornando nossas aulas mais vivas e proveitosas para eles e oferecendo a oportunidade de debater mais um assunto, se isso fosse necessário, sem se preocupar com o que estava descrito em meu plano de aula. Procurava me colocar como uma professora-formadora

que aprendia com eles, compartilhava experiências, os ouvia e procurava entender suas angústias, medos e necessidades nesse momento em que todo o seu conhecimento teórico, aprendido ao longo de seu curso de formação, estava sendo questionado e se convertendo em prática.

O professor aprendiz que oferece resistência em se colocar como um aprendiz a partir do início de seu planejamento, compromete tanto a qualidade do que pretende ensinar como a qualidade de sua própria formação, pois é durante o a sua formação inicial que sua construção enquanto profissional está se realizando. É durante o Estágio Curricular Supervisionado que se tem a oportunidade de remodelar conceitos e idéias mais tradicionais e de procurar entender melhor o papel do professor na sua sala de aula e na sociedade. A construção do papel de professor é, segundo Bolzán, “uma conquista social, compartilhada, pois implica trocas e representações” (2002: 23).

Os professores-aprendizes precisam se ver como agentes em construção e entender que esta construção não se dá no isolamento ou na tentativa de acolher todas as teorias aprendidas ou vistas no seu curso de formação inicial, mas na interação entre seus colegas de classe, professores-formadores, alunos e professores-colaboradores durante o trabalho em campo no Estágio Curricular Supervisionado. Todos esses encontros serão importantes no processo de construção de conhecimento e de sua formação profissional.

A educação não é “transmissão de um conjunto de fatos e dados imutáveis” (Bolzán, 2002: 26). É discussão, entendimento, reformulação constante do que se aprende ou apreende. A sala de aula precisa ser considerada como o local ideal para que a negociação e a constante recriação de significados, culturais ou não, ocorram durante o processo educativo. O que acontece dentro de cada sala de aula, se bem planejado, pode fazer a diferença no final. É por isso que reforço a idéia da reflexão, ou melhor, do planejamento reflexivo. Primeiro, porque acredito que planejar se confunde com o próprio ato de refletir e ao refletir os professores-aprendizes pensam em suas experiências passadas, ainda enquanto alunos, estabelecem relações com situações que estão vivenciando agora no Estágio Curricular Supervisionado e repensam o seu planejar.

Ao refletir sobre sua ação pedagógica, ele estará atuando como um pesquisador da sua própria sala de aula, deixando de seguir cegamente as prescrições impostas

pela administração escolar (coordenação pedagógica e direção) ou pelos esquemas preestabelecidos nos livros didáticos, não dependendo de regras, técnicas, guia de estratégias e receitas decorrentes de uma teoria proposta/imposta de fora, tornando-se ele próprio um produtor de conhecimento profissional e pedagógico. (Bolzán, 2002:17)

Refletir sobre como organizamos nossas aulas e nossas salas de aula seria um ponto de partida para entender como a aprendizagem e a construção de saberes acontecem. A construção do conhecimento não pode mais ser vista como unilateral: o professor ensina e o aluno aprende, mas deve estar pautada na troca e compartilhamento de “experiências, vivências, crenças, saberes, etc., numa ciranda que não se esgota, ao contrário, se desdobra, se modifica, se multiplica, revela conflitos e se amplia” (Bolzán, 2002: 27).

Acredito que depois de todo o trabalho que desenvolvemos conjuntamente, os professores-aprendizes passaram a ver o plano de aula não como a simples elaboração de um documento que será entregue ao professor-formador antes da apresentação de sua aula em campo ou no Laboratório de Práticas de Estágio Supervisionado, ou ao fim deste momento e sua formação. Planejar é entender que o conhecimento é um produto aberto, construído por cada aluno de forma diferente, uma vez que está baseado nas experiências e nos contatos que cada aprendiz estabeleceu com determinados conteúdos ou conhecimentos. É impossível determinar o quanto um aluno aprendeu de uma aula.

Tradicionalmente temos tentado planejar tanto o conteúdo como o método da instrução lingüística, e tentamos planejá-los como se ao fazer isso estivéssemos determinando tanto o ensino que estamos promovendo como a aprendizagem que resultaria dele” (Allwright, 2003: 17).

O planejar precisa estar voltado para um tipo de processo educativo, no qual o professor e o aluno participam na construção do conhecimento de uma maneira essencialmente mediada. A escola, mais especificamente, a sala de aula, precisa ser vista não como o local onde essa construção ocorre, mas como um local onde se dá a negociação, a construção e a recriação de significados e a incorporação destes à conhecimentos previamente construídos.

Em suma, planejar está intimamente ligado ao que os docentes pensam sobre ensinar e aprender: conceitos que foram elaborados ao longo de seus contatos e experiências com o contexto escolar desde o seu ingresso na escola até

a sua formação profissional. Pensar sobre ensinar e aprender exige também pensar sobre quem ensina e quem aprende no processo de escolarização. Idéias estas que espero ter tratado profundamente no período intitulado Estágio Curricular Supervisionado de Língua Inglesa. O trabalho de construção de planos de aula se caracterizou, a meu ver, em “um convite à transgressão das amarras que impeçam de pensar por si mesmo, construir uma nova relação educativa baseada na colaboração na sala de aula, na Escola e com a comunidade” (Hernández, 1998:13).